

MERCADO DE TRABALHO

Uberização avança no Brasil

Segundo o IBGE, país tem dois milhões de trabalhadores por aplicativos. Crescimento foi de 36,8% desde de 2022

» PEDRO JOSÉ BORGES

O Brasil registrou 2 milhões de pessoas trabalhando por meio de plataformas digitais de serviços no terceiro trimestre de 2025, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O número corresponde a 1,9% dos 102,4 milhões de pessoas ocupadas no país e representa um crescimento de 36,8% em relação a 2022, início da série histórica.

Do total de trabalhadores plataforma, 1,8 milhão utilizam os aplicativos em sua ocupação principal. Outros 182 mil exercem atividades por plataformas como trabalho secundário, enquanto cerca de 28 mil atuam nesse modelo nas duas ocupações.

Na comparação com 2024, o número de trabalhadores de plataformas na ocupação principal cresceu 9,1%. Entre as pessoas que possuíam um trabalho secundário, a participação das atividades realizadas por aplicativos chegou a 6,2%, proporção superior aos 2% registrados no conjunto dos trabalhadores do setor privado.

O transporte de passageiros permanece como a principal atividade desenvolvida por meio de plataformas digitais. O setor reunia 1,2 milhão de trabalhadores em 2025, o equivalente a 58,9% do total. Dentro desse grupo, 1,1 milhão atuavam no transporte de passageiros diferente de táxi. Outros 232 mil utilizavam aplicativos específicos para o serviço de táxi.

As plataformas de entrega de comida e produtos eram utilizadas por 585 mil pessoas, o que representa 29,9% dos trabalhadores do setor. Desse total, 376 mil atuavam especificamente como entregadores.

Já os aplicativos voltados à prestação de serviços gerais ou profissionais reuniam 313 mil trabalhadores, correspondendo a 16% do total. Uma mesma pessoa pode

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



O perfil dos trabalhadores por plataformas digitais é majoritariamente masculino. Os homens representavam 84,4% do total em 2025

utilizar mais de um tipo de plataforma, o que explica a soma das categorias superior ao número total de trabalhadores.

Os entregadores registraram o maior crescimento entre 2024 e 2025 na ocupação principal. O número passou de 274 mil para 325 mil pessoas, uma alta de 18,6%. O perfil dos trabalhadores por plataformas digitais é majoritariamente masculino. Os homens representavam 84,4% do total em 2025, enquanto as mulheres correspondiam a 15,6%.

A proporção contrasta com o conjunto dos trabalhadores



A CLT, apesar de oferecer instrumentos para analisar as relações de trabalho por aplicativo, não possui dispositivo próprio que trate da matéria"

Tomaz Nina, advogado trabalhista

não plataforma, no qual a participação feminina alcançava 41,8%. A maior concentração também está entre pessoas de 25 a 39 anos. Essa faixa etária representava 47% dos trabalhadores por plataformas, acima dos 37,4% registrados entre os ocupados que não utilizavam aplicativos para trabalhar.

A contribuição para a Previdência também é menor entre os trabalhadores de aplicativos. Apenas 34% contribuíram em algum trabalho, enquanto a proporção chegava a 63% entre os trabalhadores não plataforma.

Para o advogado trabalhista Tomaz Nina, a legislação brasileira possui instrumentos para analisar as relações entre trabalhadores e plataformas, mas não há uma regulamentação específica para esse modelo. "A CLT, apesar de oferecer instrumentos para analisar as relações de trabalho por aplicativo, especialmente a partir da análise feita pelos juízes acerca da existência dos requisitos tradicionais que caracterizam a relação de emprego, não possui dispositivo próprio que trate da matéria", afirma.

Segundo o advogado, características como autonomia,

flexibilidade de horários e gestão por algoritmos exigem uma atualização das regras trabalhistas. Ele defende uma regulamentação específica que estabeleça proteção aos trabalhadores sem aplicar integralmente o modelo tradicional de relação de emprego.

"É preciso evitar os dois extremos: de um lado, deixar esses trabalhadores sem uma proteção mínima; de outro, simplesmente transpor para esse modelo toda a estrutura da relação de emprego tradicional, desconsiderando características próprias do trabalho por plataformas", diz.

»CB.Agro | FÁBIO HARADA E CLAUDINEI VIEIRA

Potência do morango em Brazilândia

» MANUELA SÁ*

A produção de morango no DF foi tema, ontem, do CB.Agro — parceria entre **Correio Braziliense** e TV Brasília — às vésperas da 30ª Festa do Morango de Brasília. O evento será realizado de 5 a 13 de setembro, no Núcleo Rural Alexandre de Gusmão, em Brazilândia. Aos jornalistas Carlos Alexandre de Souza e Ronayre Nunes, o engenheiro agrônomo da Emater-DF Claudinei Vieira contou que foram selecionados 45 agricultores para comercializar e expor seus produtos no principal espaço da festa. Segundo ele, na região, há 515 produtores da fruta. Já Fábio Harada, vice-presidente da Arcag, associação responsável pelo festival, falou sobre a evolução da cultura no DF e o papel da biotecnologia nesse avanço. Confira, a seguir, os principais pontos.

Harada, o senhor é pioneiro da produção de morango no DF. Conte um pouco de sua história, por favor.

Harada: No começo, na década de 70, quando nos mudamos de São Paulo para cá, o morango era produzido apenas por algumas famílias. A partir dessa época, houve uma evolução, tanto na parte de quem está produzindo quanto na biotecnologia. Foi esse desenvolvimento que permitiu atingirmos 30 anos de Festa do Morango. Quando começamos a produzir com biotecnologia e com economia de água, nossa produção aumenta sem precisar aumentar a área.

Carlos Vieira/CB/DA Press



Automaticamente, temos como resultado essa festa grandiosa que todo ano fazemos.

Na festa, vai haver o estande Morangolândia. Como ele funciona?

Vieira: A Morangolândia é a vitrine da festa. São 45 famílias selecionadas pela Emater. Eles vão estar comercializando e expondo seus produtos. No domingo, vamos fazer o concurso de receitas. Vamos ter, pelo menos, 10 receitas novas ingressando no calendário da Festa do Morango.

Quanto a produção de morango movimentou a economia do DF?

Vieira: Em Brazilândia, temos 515 produtores de morango. A

maioria é da produção familiar. Basicamente, a receita deles ao longo do ano vem dessa fruta. O valor bruto da produção da safra do último ano foi de R\$105 milhões.

Qual é o volume da produção no DF?

Vieira: Temos algumas oscilações, seja por causa da mão de obra seja por causa do clima. Neste ano, por exemplo, tivemos chuva em junho, o que atrapalhou a primeira colheita. Essa é uma cultura muito sensível. Ela não gosta de muita água. Pelo menos não na folha. Ela gosta de água na raiz e na quantidade correta. No último levantamento que a gente fez, observamos 170 hectares de morango plantado. O volume produzido foi de 5200

toneladas na última safra. Neste ano, ainda não fechamos o número porque a safra continua. Ela vai até dezembro. No entanto, mesmo com a chuva de junho, estamos esperando um aumento para 2026.

Qual é o cuidado que precisa haver para se ter uma boa safra aqui?

Harada: Quando viemos de Atibaia (SP) para cá, tínhamos medo porque a gente sabia que morango precisa de altitude e de frio. No Planalto, não encontramos isso, mas essa cultura se adaptou muito bem. O preparo do solo precisa ser muito bem feito. Quando não tínhamos literatura, fazíamos no olho. Hoje, nós temos alguns parâmetros. Acho

importante uma boa muda, boa adubação, bom controle fitossanitário e a família trabalhar junto. Nossos ex-funcionários e ex-meeiros são os que estão hoje na atividade, e estão produzindo melhor que nós. Olhamos para trás com orgulho. Valeu a pena ter vindo para cá apesar das incertezas.

Quais são as metas e os desafios do setor?

Harada: Como produtor, quanto mais mercado a gente abrir, mais vamos ter sucesso. Para abrir mercado, precisamos de mão de obra, que está escassa. Outra questão são as variedades de mudas que estavam chegando com certas doenças. É uma incerteza que temos agora.



Um gargalo importante também é a falta de um centro de produção de mudas no DF. Isso atrapalha a logística porque a muda, quando chega, já perdeu um pouco da qualidade"

Claudinei Vieira, engenheiro agrônomo da Emater-DF

Vieira: Um gargalo importante também é a falta de um centro de produção de mudas no DF. Isso atrapalha a logística porque a muda, quando chega, já perdeu um pouco da qualidade. Estamos trabalhando em conjunto com a Embrapa para colocarmos um centro de distribuição de mudas produzidas no DF. Com isso, vamos conseguir eliminar vários problemas que vêm embutidos na muda. Inclusive, nesse período, a produção é alta o suficiente para exportarmos. A região Norte pega muito morango do DF, por exemplo. Destravando esse gargalo, a gente pode exportar morangos, talvez, para fora do Brasil.

* Estagiária sob supervisão de Edla Lula